

8.º Caderno

Minhas Páginas Literárias

publicadas

em jornais do Rio de Janeiro

Tribuna da Imprensa

ÍNDICE

1. Honra _____	1
2. O sim e o não aos idealistas desconhecidos _____	2
3. A cidade ideal (I) _____	3
4. A cidade ideal (II) _____	4
5. Futuro _____	5
6. O tesouro que se chama Companhia Vale do Rio Doce _____	6
7. As ideias luminosas e os legisladores _____	8

8. Os ensanguentados de corpo
e alma e o reino dos céus — 9
9. É preciso tomar realidade os
Auditórios Permanentes de Arte — 11

Jornal Tribuna da Imprensa - 15/9/1995
Rio de Janeiro

Loucura

Tomada por uma ira justificável, uno a minha voz ao coro de vozes do mundo inteiro que protesta contra os testes nucleares ordenado por um louco. O mundo, já sobrecarregado de mil problemas, vê levantar-se mais um, o mais terrível de todos: os testes nucleares. Há um louco no poder, que quer destruir o mundo. Há um louco no poder, que precisa ser detido na sua insânia macabra.

A notícia perturbadora e aterrorizante do reinício de testes nucleares coloca toda a humanidade em estado de alerta geral. A revolta é mundial, mas só simples protestos é muito pouco para deter esse louco da França. Esse louco, representante de outros loucos, precisa ser detido urgentemente. Um louco no poder coloca toda a população mundial em perigo, e em perigo iminente. Os representantes e povos de todos os países têm que agir rápido, e tirar logo esse louco do poder. Urge deter urgente esse louco, que chegou ao poder para destruir o planeta.

Esse louco no poder, representante de mil demônios, planeja espalhar a morte e a destruição. Que cada um esqueça, por momentos, os problemas particulares e encontre uma solução urgentíssima para tirar esse louco varrido de circulação. O mundo não permitirá que esse louco da França, que já iniciou os testes nucleares, continue com esses atos de vandalismo e massacre da vida.

A lei é clara: para cada crime, há uma pena. Que o mundo aja com rigor contra esse louco da França. Lugar de louco é no hospício. Que o mundo não tenha medo de agir em legítima defesa. E que cada um seja um arauto em defesa do planeta Terra. E em defesa da vida!!!

Lieda Monsores - Goiânia (GO)

Tribuna da Imprensa - 15/9/1995 - Rio de Janeiro

Jornal Tribuna da Imprensa 2/11/1995
Rio de Janeiro

Tribuna da Imprensa - 2/11/1995
Rio de Janeiro
O sim e o não aos idealistas desconhecidos

Lieda Monsores

Tudo está cerceado aos idealistas desconhecidos.

As conquistas foram exíguas. Há uma imensidão que espera pelos idealistas.

A estacionalidade impera em quase toda parte. O espaço e o tempo estão infrutíferos. Há inutilidade nos momentos de lucidez.

Nos passos presentes e futuros, ouvir-se-á apenas o som de um não gigante, em bocas detestadas de sorrisos falsos, e nas vozes duras e tirânicas dos dominadores? O querer está bloqueado pelas placas intransponíveis do poder.

A impossibilidade desencadeia lágrimas imaculadas mescladas de revolta pela invisibilidade de talentos latentes.

Dias passam em expectativas inúteis de um sim, e esgotam passos firmes e vacilantes, na realidade simplória de um não.

Anos voam em sonhos perenes de realização impossível.

Horas mortais de rotinas indesejadas sufocam planos esfuziantes de criações geniais.

Almeçadas atividades jazem imobilizadas em um presente engaiolado.

O não é permanente nestes tempos sem oportunidades para todos.

O 'não' acabou por se tornar barreira intransponível

Conseqüências trágicas espalham-se por toda parte onde impera a escravidão.

Idealistas ansiosos buscam o sim que ressoaria pelos ares no encantamento de uma visão metafísica para aqueles que esperam há séculos.

E na invulnerabilidade das hierarquias portentosas e imutáveis que odeiam a criatividade superior que desponta ao re-

dor, o não é peremptoriamente ditado para a multidão de idealistas que clamam pelo sim.

O não é uma porta hermeticamente fechada aos idealistas em busca de uma chance para realizar grandes obras, e sair da estaca zero de uma vida insatisfatória.

Idealistas lutam na solidão, contra a ditadura de um mundo hostil aos ideais!

Incontestáveis idealistas promissores já desistiram de lutar, nos dias que se diluíram em tentativas vãs à procura de um sim.

Os defensores dos seus sonhos cada vez têm menos espaço

As obras sonhadas no passado e no presente são desprezadas pelos ditadores, sem nunca terem sido conhecidas.

Os idealistas recebem migalhas que afrontam os direitos de liberdade para todos que têm um caminho esplêndido a seguir e à meta divina a conquistar!

Os idealistas caminham por estradas sulcadas de decepções, e o olhar de muitos tornou-se opaco, sem o brilho da felicidade de outrora, quando a esperança era a seiva que alimentava o ideal.

Os idealistas descobrirão a fórmula mágica para alcançarem o lugar visionário que os fascina? No sim e no não, em lampejos de soluções para os idealistas, alternam-se desistências esporádicas ou definitivas, na luta titânica e desigual das idéias.

Mas a união dos idealistas, antes predestinados a transformarem as trevas em luz, trará o sim retumbante que será o sinal de partida para a grande corrida rumo à vitória!!!

Lieda Sobrosa M. Monsores é advogada, musicista, compositora e escritora

Jornal Tribuna da Imprensa - 9/5/1996
Rio de Janeiro

Tribuna da Imprensa - 9/5/1996
Rio de Janeiro

A cidade ideal (I)

Lieda Monsore

Eu apenas vislumbro, em um vôo para o infinito, a cidade ideal dos sonhos intraduzíveis do presente. A cidade ideal está além deste tempo e deste espaço, em outra dimensão; a cidade ideal existe e o viver de seus habitantes está muito além da imaginação de um gênio. Eu sei que a cidade ideal existe em algum lugar do universo - e pulsa e vibra.

Estendo o meu olhar por este mundo cheio de cidades limitadas, lotadas de entes insatisfeitos e sofredores; vejo a lágrima em toda e a impiedade e a loucura que atacam e matam. Leio e escuto diariamente notícias repetitivas que não solucionam quase nada dos problemas gigantescos que se arrastam pelos séculos.

Nas cidades atuais deste planeta, a cada dia renascem muitas esperanças, que são sufocadas no início da noite, em que os habitantes param tudo que os consomem durante as horas do dia. Nestas cidades atuais deste planeta, eu observo pessoas estranhas a caminharem entre estranhos e estão todos indiferentes e fechados em um mutismo frustrante, na incompletabilidade dos relacionamentos visuais.

Nas cidades atuais deste planeta, vejo veículos apinhados de entes calados, sérios, envolvidos em dilemas, conflitos e incompatibilidade nos interesses particulares e insuperáveis no momento. Nestas cida-

des atuais, há ímpetos imperceptíveis de tentar sair dessa prisão injustificável, de parcas alegrias autênticas, altruísticas e merecidas, e há ousadia nos projetos mirabolantes da fantasia. Mas todos estão acorrentados a situações casuísticas inexplicáveis e justificáveis ou não, segundo pontos de vista próprios ou alheios.

Nas cidades atuais, dentro dos supermercados eu vejo sempre tanta gente a comprar alimento a todo instante, que tenho a falsa impressão de que todos vivem só para alimentar o corpo e mais nada - e lembro também que a maioria da população passa fome e é um privilégio poder ter o alimento diário, quando milhões de meus irmãos não têm. Nestas cidades atuais, golpes a torto e a direito, e por acaso o povo é livre e dono de sua situação?

Milhares de projetos são irrealizáveis, porque a ânsia pelo dinheiro impera em um planeta lotado de habitantes programados desde o berço para a continuidade de um "modus Vivendi" superficial, fútil e materialista. A expectativa é que esse emaranhado de leis desumanas, estabelecidas por sádicos detentores de um poder que massacra, desapareça dos códigos e estatutos e que surjam leis brilhantes de cérebros e corações privilegiados pela sabedoria. Almas sensíveis se atormentam na tentativa inútil de escapar e de livrar seus contempo-

râneos da caoticidade.

Nas cidades atuais, a cada hora aumenta o número de banquinhas com os camelôs ora estáticos, ora ansiosos, ora agitados, ora assustados, ora animados, ora desalentados, mas tentam vender suas mercadorias para sobreviverem neste sistema econômico e político explorador e enganador, que coloca no lucro a razão do existir. É triste, o viver depender do vender. Compre, compre: se os transeuntes não comprarem, os vendedores cairão por terra; abatidos; derrotados e falidos.

Na cidade ideal, ninguém precisa comprar ou vender nada; todos têm direito a tudo, pois pertence a todos, tudo o que existe. Na cidade ideal há tanta paz, tanta harmonia, tanta felicidade estampada nos semblantes! Na cidade ideal, não há esses obstáculos impostos pelos poderosos temporários, que controlam as situações e que teimam impedir as transformações benéficas à sociedade. Na cidade ideal, não há hospitais, pois não há doentes; não há penitenciárias, pois não há criminosos; não há os dramas que se vê todos os dias nesses aglomerados que se chama de civilização.

Na cidade ideal, tudo é belo e grandioso. Há sorrisos por toda parte e o amor vive em todos e para todos.

Lieda Sobrosa Monsore é advogada e musicista

Jornal Tribuna da Imprensa 10/5/1996
Rio de Janeiro

Tribuna da Imprensa **A cidade ideal (Final)** 10/5/1996
Rio de Janeiro

Lieda Monsorens

Na cidade ideal, todos são irmãos de verdade, unidos pela aspiração de servir, de levar alegria uns aos outros; todos os olhares são amigos; todos se sentem seguros e protegidos. Na cidade ideal, os habitantes não têm vícios e, portanto, homens não destroem seus corpos e mentes, nem perturbam a família com as mazelas que os vícios trazem. Na cidade ideal não há favelas e todos moram em residências confortáveis e aconchegantes.

Na cidade ideal, não há meninos de rua, não há mendigos, não há crianças desaparecidas, não há os sem-terra, não há os deserdados da sorte. Na cidade ideal, os dicionários não contêm a palavra corrupção, nem outras palavras que expressam a decadência de um povo. Na cidade ideal, não existe tortura física nem psíquica, nem aflições, nem preocupações, nem medo, nem desespero, nem agressividade, nem miséria material e moral, nem falatório sem utilidade, nem a deturpação da arte, nem ambientes degradantes, nem violência, nem

congestionamentos, nem poluição, nem acidentes de trânsito.

Na cidade ideal, não há diferenças absurdas de salários, porque é injusto pessoas ganharem quantias fabulosas e outras míseras remunerações. Na cidade ideal, não há antagonismo entre os casais. Na cidade ideal, todos trabalham dentro de sua vocação e são gratos à natureza pelas suas dádivas.

Ah! que entusiasmo! Que contentamento! Que união em todos os momentos!

Na cidade ideal, a criatividade em todos os campos desponta a cada dia, e desperta nos seres ondas de admiração! Na cidade ideal, todos os sonhos são realizados. Na cidade ideal, a música desce de altas esferas do invisível e emociona e eleva e vivifica todas as almas. Na cidade ideal, todos estudam sempre para o aprimoramento de seu espírito imortal.

Na cidade ideal, não há solidão, pois o viver é uma comunhão perene com o Criador e as criaturas. Na cidade ideal, não existe inveja, ciúme, maledicência, orgulho, ganân-

cia, ódio, egoísmo, preguiça, ira e demais males da alma humna.

Nas cidades atuais deste planeta, não dão nem uma pálida idéia da cidade ideal, que é um anelo dos homens e mulheres idealistas. Oh!, cidade ideal: nos meus passos pequenos e apressados, por este mundo cheio de paradoxos, anseio por viver na magnitude de tua amplitude, onde todos os moradores são entes queridos ao coração, e onde o inefável desperta sentimentos sublimes de amor universal:

Na cidade ideal, só existe a verdade, a arte, a beleza, a união. Na cidade ideal, a morte não existe. Na cidade ideal, as atividades são sempre guiadas por um único objetivo: cumprir a Lei Maior do universo - "amar e louvar o Criador de todos, na trajetória gloriosa rumo à eternidade".

Na cidade ideal, a luz resplandece em toda a sua a sua pujança e expande nas almas a graça de viver em plenitude!

Lieda Sobrosa Monsorens é advogada e musicista

Jornal Tribuna da Imprensa - 29/11/1996
Rio de Janeiro

Futuro

Neste exato momento em que escrevo esta carta, milhões de pessoas têm decisões que mudarão seu destino. Neste exato momento, milhões de pessoas iniciam passos que as levarão para um céu de felicidades ou para um inferno de dores.

Neste exato momento, milhões de seres buscam o Criador do universo para guiar suas almas, e outros milhões de seres buscam o mal que destruirá as suas e alheias vidas.

Neste exato momento, a desorientação é geral, em vista de tantos conflitos, problemas e obstáculos a um viver em paz. Neste exato momento, são planejadas belas obras, e também tristes, tenebrosos, lamentáveis e revoltantes atos. Neste exato momento, o planeta Terra fica mais congestionado em tudo, e planos em ebulição logo traduzirão o que estava mascarado, encoberto, ou ainda invisível. Neste exato momento, é imprescindível tentar escutar, entender e colocar em prática a orientação que vem do alto e fala às mentes e aos corações. E nesse torvelinho de incertezas, aflições e esperanças, aqueles que não têm fé e amor serão como um barquinho em mar tempestuoso, nos tempos que virão em breve. Aquele que não quer ser pego de surpresa pelos graves, terríveis e inusitados acontecimentos iminentes neste planeta, precisa rever seus valores, seus objetivos, seus pensamentos, emoções e atos (...).

Lieda Sobrosa Monsorez - Rio de Janeiro (RJ)

*Tribuna da Imprensa - 29/11/1996.
Rio de Janeiro*

Jornal Tribuna da Imprensa - 9/11/1997
Rio de Janeiro

O tesouro que se chama Companhia Vale do Rio Doce

Lieda Sobrosa M. Monsores

Nestes dias em que se trava um debate acirrado e crucial sobre a privatização ou não de um tesouro que se chama Vale do Rio Doce, e que decidirá os destinos deste nosso amado Brasil, eu elevo o meu pensamento aos céus e peço luz para os nossos governantes, que têm o poder de vida e de morte de uma nação. Governos de outros países, inimigos de nossa pátria, querem se apropriar do gigantesco tesouro que pertence a todos os brasileiros.

Sob o solo brasileiro estão jazidas inimagináveis de um tesouro que poderá ajudar a tirar nosso país da crise em que se encontra. A crise, que é também mundial, por culpa de sistemas econômicos e políticos imperfeitos, afeta países que, para resolverem seus problemas financeiros, praticam atos vis e injustos contra outros países, sacrificando impiedosamente povos indefesos.

Os poderosos exploradores internacionais querem continuar a massacrar outros povos, que, apáticos, ingênuos, indiferentes à sua própria sorte, ou simplesmente por não estarem informados desses atos danosos perpetrados por esses mercenários, não lutam contra esses inimigos de sua paz, de sua liberdade, de sua vida. Governos inimigos querem roubar o tesouro que se chama Vale do Rio Doce, e o povo, indolente, como sempre, a se preocupar apenas com os seus problemas particulares.

inércia em que se encontra e inspirar iniciativas que visem o bem da nação.

Os artistas e o povo, em uníssono, conquistarão a liberdade para sempre. Só a palavra escrita não é suficiente para despertar o povo. É preciso também imagem e som. Um texto impresso não espelha toda a pujança e grandeza que precisa expressar. Só a visão do objeto, a audição de melodias e versos inspirados, dramaticamente declamados, ou seja, somente através de uma obra artística é que se despertam emoções que levarão à ação. Assim como a palavra de Deus, impressa, não desperta em quem a lê o sentimento de fervor, de admiração e louvor pela grandiosidade e majestade do Criador, para tomar consciência do que representa esse tesouro que se chama Vale do Rio Doce o povo brasileiro precisa ver. Ver através da televisão, do cinema e até pessoalmente (...).

Se esse tesouro fabuloso que se chama Vale do Rio Doce for privatizado, os brasileiros mergulharão ainda mais na escravidão, serão cada vez mais fantoches das forças multinacionais que, prepotentes e ardilosas, querem tomar o nosso país num assalto internacional, assistidos por complacentes traidores de nossa pátria.

É preciso sustar as
transações secretas
contra o povo

Tribuna da Imprensa - 9/11/1997 - Rio de Janeiro

Jornal Tribuna da Imprensa 9/1/1997
Rio de Janeiro

O povo precisa se unir e lutar pelos interesses de sua pátria, que são também os interesses de todos. Mas, como reacender o sentimento patriótico na alma dos brasileiros? Como fazer explodir esse sentir que, inato, vai se diluindo aos poucos, em meio às intempéries e ambições pessoais? Onde está o patriotismo que inspirou nossos líderes do passado na luta em defesa da nossa pátria? O sentimento de patriotismo precisa ser despertado nas crianças, desde cedo, para que amem e valorizem o país onde nasceram. Mas como despertar o patriotismo nos estudantes; se nem os hinos pátrios ensinam mais nas escolas. Parece um complot internacional para que a população despreze as dádivas da natureza de seu país, e abra mão da sua honra, civismo e gratidão por esta terra que a acolheu em seu seio desde o berço.

*Um país como o Brasil
não pode ficar a mercê
de uma pequena minoria*

Os hinos pátrios, se forem cantados pela multidão, emocionarão e unirão todo o povo em uma só emoção de amor fervoroso pelo seu país! Os soldados, na frente, a marchar e também a cantar, ao som de uma banda militar, entusiasmarão o povo, farão vibrar nas almas o sentimento vigoroso e ardente de amor à pátria. É necessário que o povo brasileiro desperte do seu sono letárgico e lute pelo que lhe pertence.

E os artistas, com o seu dom de criar e transmitir emoções em massa, têm o dever de levantar o povo da

Todos precisam sentir a responsabilidade que têm, de defenderem esse tesouro que o Criador colocou em solo brasileiro e que precisa continuar a pertencer à nossa pátria. Esses governos mercenários de outros países encontram, dentro do nosso país, aqueles que compactuam com a sua ganância, aqueles para os quais a nossa pátria e o povo brasileiro nada significam! Mas, para felicidade dos brasileiros, vozes de bravos e verdadeiros patriotas se levantaram em defesa da pátria.

Porém, para que esse movimento de conscientização do povo, que iniciaram, seja vitorioso, é necessário que seja divulgado ao máximo em todos os bairros de todas as cidades do Brasil, brasileiros (estudantes, trabalhadores, empresários, donas de casa, artistas) se mobilizem e façam urgente listas de assinaturas contra a privatização da Vale do Rio Doce. É preciso também que os órgãos de comunicação de massa estejam do lado do povo, para que tenha êxito essa campanha de mobilização nacional contra a privatização da Vale do Rio Doce.

Um país de 150 milhões de habitantes não pode ficar à mercê de uma pequena minoria que não ama a sua pátria e nem respeita o povo brasileiro. (...) É preciso sustar as transações ultra-secretas contra o povo brasileiro. Essa luta em defesa da Vale do Rio Doce, contra a privatização, tem que ser pra valer. Brasileiros. Não fiquem em cima do muro.

A vitória virá com a união do povo brasileiro em defesa do tesouro que se chama Vale do Rio Doce!!!

Lieda Sobrosa M. Monsorez é bacharel em Direito

Jornal Tribuna da Imprensa - 31/3/1994
Rio de Janeiro

As idéias luminosas e os legisladores

31/3/1994 - Rio de Janeiro

Lieda Sobrosa M. Monsores

No decorrer das vidas, muitas idéias, quais gotas de luz, brilham no universo dos pensamentos. Idéias inspiradas, para ajudarem na transformação deste mundo. E essas idéias luminosas vêm e vão, e vêm e vão e vêm, de tempos em tempos, e martelam dentro das mentes, como mensagens divinas, que orientam a humanidade para um viver mais feliz. Mas, quantas idéias luminosas de grandes realizações, desvanecem, perdem o brilho, escondem-se em algum canto dos destinos, ou apagam-se para sempre da memória de homens e mulheres que um dia se entusiasmaram em criar obras importantes para a coletividade!

Obstáculos parecem às vezes intransponíveis, e anos passam, até séculos se sucedem, para que emergjam das profundezas da consciência coletiva, as aspirações por mudanças radicais, e transformam idéias renovadoras em conquistas universais.

As transformações avançam a passos lentos, por causa da cristalização de mentalidades avessas a todo tipo de mudança que vise alterar o seu modo rotineiro de viver.

Em estruturas rígidas de um poder ditatorial, os direitos do povo jazem trancados na gaveta do esquecimento e da indiferença, no modelo de sobrevivência decretado por mentes que não manifestam um mínimo senso de justiça.

E em ações camufladas de subversão de governos, as forças poderosas contrárias à liberdade de uma nação detonam reações em cadeia que explodem na violência e no caos.

No arcabouço das hierarquias petrificadas, legisladores não cumprem fielmente o seu papel e sua missão, que é a de criar leis justas para o povo que se debate desamparado e massacrado por normas vigentes que estão longe de atenderem aos justos anseios da população.

Os legisladores têm que ousar e nada temer na defesa do povo que acreditou em suas promessas. Na observação da penúria e dos sacrifícios do povo na luta para ter acesso ao que lhe é devido, mas que por motivos claros ou ocultos, lhe é dificultado ao máximo, uma idéia aflorou, há tempos, em minha mente, para a solução de problemas que se arrastam pelos dias, meses e anos.

Essa idéia, entre muitas, e que deveria transformar-se em lei, para beneficiar o povo, é a seguinte: obrigatoriedade para todos os formados em universidades do governo, do exercício gratuito um dia por semana, na sua profissão.

Justificativa: os formandos estudaram e têm um diploma de curso superior, graças ao dinheiro do povo, e portanto, têm que retribuir em horas semanais de serviço gratuito a esse povo que luta para obter o que lhe é de direito, e que lhe é negado ou dificultado por governos, pelos corruptos, pelos poderosos e até inconscientemente pela própria sociedade.

Essa obrigatoriedade poderia entender-se, conforme determinadas situações, aos formandos de faculdades particulares. Na transformação das mentalidades, está a grande certeza de um amanhã de paz, justiça, amor e felicidade! E tudo o que parece uma utopia no presente, será uma esplêndida realidade no futuro!!!

Lieda Sobrosa M. Monsores é bacharel em Direito, professora de piano, escritora e compositora

Jornal Tribuna da Imprensa - 10/5/1997
Rio de Janeiro

Os ensangüentados de corpo e alma e o reino dos céus

Lieda Sobrosa M. Monsores

Os ensangüentados de corpo e alma jazem no chão que recolhe a seiva de vidas que se esvaem no interminável massacre mundial que assola esta civilização. São vítimas do ódio, da imprudência, da imperícia própria ou alheia, da insensatez, da ira e da loucura pessoal ou coletiva. Os meios de comunicação de massa mostram, diariamente, imagens de ensangüentados que causam estupor e mal-estar nos leitores e telespectadores, e a dor e a revolta aos familiares e amigos dos ensangüentados.

E a sociedade de cada país vê, com espanto e medo crescentes, a multiplicação dos agressores. Esta civilização ameaça a cada um e a todos, na violência, na maldade, na indiferença e na irresponsabilidade que grassam pelo planeta. Seres que não valorizam a vida humana e alimentam intolerâncias de todo tipo, fomentam a discórdia e espalham quadros aterrorizantes de um mundo perigoso, onde o sobreviver é um milagre diário.

E pessoas temerosas ou corajosas perguntam: quanto sangue ainda terá que jorrar de corpos, para aplacar a fúria dos decretadores da morte? É terrível constatar que a carnificina tomou conta do mundo, em visíveis ou camuflados atentados contra a vida. Complôs maléficos entregam armas a granel para criminosos e para populações inseguras ou injustiçadas, na sociedade internacional que ainda não aprendeu a amar.

E os ensangüentados aumentam.

São vítimas de fabricantes de armas, do trânsito enlouquecedor, da voracidade e ferocidade na luta pela sobrevivência, dos conflitos e aflições de toda espécie, dos governos do próprio país ou governos estrangeiros, que pretendem exterminar povos inteiros para apoderar suas riquezas. E o ódio nasce, cresce e se multiplica cada vez mais.

na-se maior que todas as hortaliças e estende de tal modo os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra", disse o salvador das almas, o Mestre Senhor Jesus Cristo.

Ah! Se todos pudessem sentir, ainda que por momentos, o Reino dos Céus. Se todos, tocados por um clarão Divino, fitassem o Reino dos Céus ou da Felicidade, no próprio ser, talvez abandonassem todas as teorias e comportamentos diários imperfeitos e limitados e partissem para uma nova vida, distante de toda essa estrutura massificante do viver atual!

Envolvida até os fios de cabelo, e comprometida com a estrutura desse existir atual, rodopia a humanidade em mil expectativas fugazes de felicidade. Felicidade... que todos procuram e só encontram minúsculos matizes, aqui, ali, acolá. Na correria frenética diária, por necessidade ou ansia de riqueza ou poder, transeuntes distanciam-se do reino da felicidade!

Nos atropelos infundáveis desse caminhar, e no sobe e desce das situações particulares, emotivas e financeiras, dentro de sistemas materialistas e sob óticas distorcidas da verdade, é impossível encontrar o reino da felicidade.

Mas o querer encontrar, na oração, na meditação, no interesse pelas coisas espirituais e nas boas obras, é a chave para descobrir esse reino de eterna ventura que todos almejam! O criador plantou a semente da felicidade em cada alma, e essa semente precisa crescer e dar frutos.

*Todos os povos precisam
olhar-se com novos olhos
de união e cooperação*

"Tribuna da Imprensa" - 10 e 11/5/1997 - Rio de Janeiro

Jornal Tribuna da Imprensa - 10/5/1997
Rio de Janeiro

A própria divulgação de crimes, no mostrar fatos reais ou fictícios, faz aumentar a violência. E na decadência dos valores de uma sociedade, o existir a cada dia, torna-se uma enorme façanha ou é simplesmente sorte. Balas perdidas ou com alvo determinado pipocam pelo mundo, que se tornou um extenso e incontrolável campo de batalha. Nos dramas familiares, nas incompreensões e vinganças mortíferas, os ensangüentados também são a prova contundente de pecados das almas que não sabem perdoar.

E ensangüentados de corpo e alma tombam por toda parte, no desfilar de desfechos fatais. E em vista de tantos

*A semente da felicidade,
que existe em todos,
precisa brotar e crescer*

desastinos e crueldades, paira no ar a interrogação crucial dos sobreviventes atuais, que buscam a solução ideal: o mundo pode se transformar em um cenário de paz, amor e felicidade?

E a resposta refulge do Livro Sagrado que norteia as vidas para um viver feliz: sim! O mundo poderá ser um paraíso, quando cada habitante deste planeta descobrir o Reino dos Céus dentro de seu coração!

O Reino dos Céus é igual a "um grão de mostarda, que quando é semeado, é a menor de todas as sementes, mas, depois de semeado, cresce, tor-

Esta civilização precisa de uma nova concepção de vida, para poder viver em plenitude! E assim, a maioria dos seres humanos que estão distantes uns dos outros aproximar-se-ão entre si, e com os olhos cheios de lágrimas pedirão perdão pela omissão, pela covardia, pelo desamor, pelo comodismo e pela frieza de seus corações.

Um ser humano não é um número, uma estátua, uma coisa.

Um ser humano contém a vida onde o reino dos céus tem morada. Todas as vidas contêm a semente do reino da felicidade! Mas os agentes do ódio, nas intermináveis ações e reações destruidoras de vidas, distanciam-se a passos largos do reino da felicidade.

Todos os povos e o próprio povo de um país precisam olhar-se com novos olhos de união e cooperação mútua. Todos aqueles que descobrem o reino dos céus dentro de sua alma vivem para levar a felicidade aos outros. E esse é o seu maior prêmio: ver a felicidade resplandecer nos rostos marcados por dores seculares.

E a maior dádiva que alguém pode receber é descobrir o reino dos céus dentro de si, que fará multiplicar em progressão aritmética a felicidade pelo mundo inteiro!

O reino da felicidade, que parece inatingível à maioria dos mortais, mas que é latente nas almas, manifeste-se com toda a tua força e fulgor nas vidas, para assim, repletos do amor divino por toda a humanidade, podermos todos nós cumprirmos nosso verdadeiro destino!!!

Lieda Sobrosa M. Monsorez é bacharel em Direito

Jornal Tribuna da Imprensa 24/6/1997
Rio de Janeiro

É preciso tornar realidade os Auditórios Permanentes de Arte

Lieda Sobrosa M. Monsores

Caminhei por dias intermináveis, pelas cidades lotadas de gente, lojas, lanchonetes, bancos e camelôs. Caminhei, caminhei, caminhei, e só vi coisas áridas, não encontrei um oásis para o meu espírito sedento de arte. Procurei, procurei e não fitei o lugar ideal que eu buscava: um Auditório Permanente de Arte, para assistir a realizações artística, naquelas horas em que eu precisava impregnar o meu ser, de algo inefável que me transportasse para um mundo diferente, um mundo que transcende a matéria.

Auditório Permanente de Arte: um local onde músicos, bailarinos, atores e poetas expressassem sua arte, todos os dias, durante o dia, em espetáculos sucessivos de beleza e magia.

O sol estava quente e eu me via a andar entre estátuas que inconscientemente ansiavam também por esse lugar ideal de arte, pois os eventos artísticos não podem acontecer somente com hora marcada, e sim, em todos os horários do dia em que o coração necessitar.

Os transeuntes estavam tão distantes entre si, mas estavam ávidos por uma comunicação que somente a arte proporciona.

entes de Arte, que mitigaria a ânsia pela Arte, em qualquer momento do dia, e também seria o Espaço diário para músicos, bailarinos, atores e poetas utilizarem seu dom.

Quantos Auditórios estão ociosos durante o dia! E se nas cidades, tudo funciona durante o dia, a arte também tem que ser oferecida às pessoas que necessitarem de sua expressão. Muitas pessoas gostariam de encontrar a qualquer hora do dia, um ambiente musical e poético para embeber-se de sons, imagens e palavras que acalmam e revigoram corações e mentes.

Durante o dia, inúmeras pessoas procuram esse recanto de Arte que as liberte do cotidiano e as leve às Regiões Inefáveis da Beleza.

O que seria do mundo, se outros profissionais não estivessem à disposição?

E há instrumentistas, cantores, bailarinos, atores, poetas, que querem expressar a sua arte, em horário diurno, diariamente, mas estão cercados o seu direito de exercer o seu ofício.

24/6/1997 - Rio de Janeiro - Tribuna da Imprensa

Journal Tribuna da Imprensa 24/6/99
Rio de Janeiro

Melodias, palavras poéticas, imagens, uniria suas almas que aspiravam da tarde, diariamente, e desligararem-se de seus problemas no viver momentos de distração ou arte, os Auditórios Permanentes de Arte também seriam locais sempre abertos à população. A arte eleva e renova a alma, levando os seres para um mundo transcendental de pureza e paz.

Os artistas que se apresentassem

A arte nos leva para um mundo transcendental de pureza e paz

nos Auditórios Permanentes de Arte poderiam ser contratados pelo governo, ou através de alguma outra forma a estudar.

Seria dada oportunidade a todos os artistas que não são famosos, mas, que por, meio de um processo de seleção, se mostrassem capacitados para as apresentações.

Igrejas, cinemas, bibliotecas e clubes funcionam todos os dias, durante o dia, com sua imprescindibilidade para cada situação individual específica.

Falta criar os Auditórios Perma-

É preciso que os artistas desconhecidos se unam e lutem por essa conquista: os Auditórios Permanentes de Arte! Os artistas precisam reivindicar um campo amplo de trabalho, e não aceitar essa limitação e cerceamento do exercício de sua profissão. Os políticos, os empresários e a própria sociedade precisa valorizar mais os músicos, bailarinos, atores e poetas, dando-lhes oportunidades de exercício diário dentro de sua vocação.

Os artistas amadores e profissionais precisam exigir das autoridades competentes os Auditórios Permanentes de Arte!

O que seria da população se os outros profissionais liberais não estivessem à sua disposição todos os dias? E as necessidades espirituais são tão importantes quanto as materiais, e é preciso atender a ambas, para um viver mais feliz.

E, na imensa expectativa de que muito breve os Auditórios Permanentes de Arte sejam uma esplêndida realidade, agradeço em nome dos artistas desconhecidos, a todos que colaborarem nessa obra!

Lieda Sobrosa M. Monsorez é escritora, bacharel em Direito, pianista e compositora

"Tribuna da Imprensa" -